



NÓS PODEMOS! A MULHER DA SUBMISSÃO À SUBVERSÃO: um convite ao diálogo

Acadêmicas de Museologia: Kimberly Terrany Alves Pires, Lourdes Maria Agnes

O curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) iniciou suas atividades no primeiro semestre de 2008 e desde então forma profissionais para atuar na preservação e gestão do patrimônio cultural com vistas à construção da cidadania. Ao longo de quase uma década, discentes, docentes e técnico-administrativos envolvidos com a graduação em Museologia realizaram inúmeros

programas, projetos e ações de extensão, estimulando uma relação direta com a sociedade a partir do que é produzido pela investigação e aprendizado em sala de aula, promovendo, nessa perspectiva, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Uma das propostas de constituir um processo de aprendizagem interativo é o desenvolvimento das exposições curriculares. Na composição

curricular do Curso de Museologia da UFRGS, esse processo criativo é construído no decorrer de três disciplinas obrigatórias, iniciadas na quinta etapa da graduação: Expografia (BIB03212), Projeto de Curadoria Expográfica (BIB03215) e Prática de Exposições Museológicas (BIB03217), momento em que é criada uma ação de extensão para a execução da exposição planejada. Ao longo da sequência os alunos-curadores são estimulados a conceberem uma exposição com tema livre que por meio da parceria com o Museu da UFRGS, é aberta ao público em seu Mezanino.

O processo criativo originado nas disciplinas é consolidado por meio de uma ação de extensão universitária. A proposta do Curso de Museologia é que os alunos-curadores, por meio das habilidades e competências da profissão, reafirmem por meio de suas propostas, os compromissos da universidade pública brasileira e reforcem as relações de diálogo e trocas de saberes.

Quando vinculada ao ensino, ela [a extensão] permite que o aluno se torne protagonista de sua formação, tanto no que se refere às competências necessárias à sua atuação profissional, quanto à sua formação de cidadão, ao reconhecer-se como um agente de mudança e transformação social. Essa integração abre múltiplas formas de articulação entre a universidade e sociedade, através de metodologias participativas, [...], em que os atores sociais dialogam (UFRGS, 2015, p.50).

O Curso de Museologia da UFRGS realizou até o ano de 2016 seis exposições curriculares¹ (Figura 2). Todas as etapas de concepção das exposições acontecem no Laboratório de Criação Museográfica (CRIAMUS), que, por ser especializado, permite o planejamento em um espaço físico específico. O desafio desse processo é propor o museu como criador de sentidos. O exercício é interdisciplinar e objetiva que os alunos-curadores congreguem criatividade, aptidões, interação e conhecimento construído ao longo da graduação (SOUZA, 2015).

Ao longo desta caminhada, é significativo ressaltar que determinadas atividades vinculadas à exposição acabam ganhando maior visibilidade ou ênfase, de acordo com o perfil e o interesse pontual de cada turma. É possível destacar, por exemplo, a preocupação com a acessibilidade por meio de uma programação de ações educativo-culturais, a formação dos mediadores e até mesmo com a publicidade e divulgação da exposição. [...] O que se percebe é que mesmo se tratando de um exercício acadêmico, todas as exposições curriculares são encaradas com uma atividade profissional pelos alunos e pelos parceiros externos envolvidos, fazendo com que os acadêmicos se envolvam em todas as etapas do início ao fim deste longo processo (TEIXEIRA, FARIA, MACHADO, 2015, p.107-108).



Figura 2: Exposições curriculares do Curso de Museologia da UFRGS. Fotografia: CRIAMUS, 2017

1. Exposições curriculares realizadas pelos alunos-curadores do Curso de Museologia da UFRGS: *Do confessional ao wireless*: Landell de Moura, o padre-inventor (2011); *Fatos, Lendas e Mitos*: olhares sobre o imaginário de Porto Alegre (2011); *Brinquedo é coisa séria* (2012); *Alices*: cenários de vida e arte (2013); *AGÔ - Presença negra em Porto Alegre: uma trajetória de resistência* (2015); *KUMIAI* - Entrelaçamentos na Colônia Japonesa de Ivoti, RS (2015).

A partir da proposta da atividade de ensino, pesquisa e extensão, os alunos-curadores buscam construir através das exposições, espaços de relações que conjugam as pessoas a fim de tornar a visita uma experiência vivencial. O museu transforma-se em um espaço experimental de interpretação, uma instância de conversação, no qual a partir dos vestígios materiais é construída uma narrativa que convida o público a refletir sobre temas do presente. De acordo com Soares

A exposição Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão

A exposição curricular Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão (Figura 3) é fruto do trabalho coletivo de dezoito alunos-curadores², que durante mais de um ano realizaram sua concepção, montagem e desmontagem. O período de abertura ao público foi de 18 de maio a 24 de junho de 2017, das 8h às 20h de segunda a



Figura 3: Entrada da exposição Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão. Fotografia: Equipe Curatorial, 2017

(2012) a experiência nos museus está no aqui e no agora, e oferece formas alternativas de pensar e sentir. Com essa perspectiva, foi exibida ao público em 2017 a exposição curricular Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão, projeto de extensão do Curso de Museologia da UFRGS.

2. CURADORIA, EXECUÇÃO e MEDIAÇÃO da exposição curricular Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão: Alahna Santos Da Rosa; Amália Ferreira Meneghetti; Amarildo Vargas; Andréa Cogan; Camila Ribeiro da Silva; Débora Costa Majewski; Diogo Aguiar Neumann; Gisela Hauberth de Lima; Júlia Maciel Jaeger; Jurema Oliveira Job; Kimberly Terrany Alves Pires; Lourdes Maria Agnes; Lubianca Montagner Weber; Luís Guilherme Ramos Dias Machado; Marcelo Augusto Kich Scheffer; Rossana Klippel de Souza José; Silvana Fernandes de Fraga e Thais Guaragna Morales. ORIENTAÇÃO: Professoras Ana Carolina Gelmini de Faria e Vanessa Barrozo Teixeira. ASSESSORIA MUSEOLÓGICA: Museólogo Elias Palminor Machado.

sexta, aos sábados das 9h às 13h, no Mezanino do Museu da UFRGS. Este projeto começou a partir da delimitação do tema escolhido: MULHER, apresentando alguns dos fatos marcantes que hoje são celebrados como conquistas femininas, mudanças de comportamento e liberdades adquiridas a partir de movimentos/coletivos femininos em um tempo nem tão longínquo, construindo um percurso do empoderamento feminino. Para construção desta narrativa e trajetória, foi necessária uma pesquisa vasta por conceitos que apresentassem este discurso, tais como: We Can do It! (Figura 4); Gênero; Privado e Público; Submissão e Subversão (PROJETO DA EXPOSIÇÃO NÓS PODEMOS, 2016).

participação do público visitante como elemento ativo. Conforme Santos (2005), as perspectivas atuais do campo museológico não se sustentam simplesmente pela contemplação, como um elemento passivo, mas pela possibilidade da interatividade com o visitante, que passa de expectador a ator.

O primeiro núcleo expográfico, intitulado Soltando as Amarras, apresentou alguns fatos em âmbito mundial que marcaram a história das conquistas femininas. O título fazia referência à utilização de peças do vestuário feminino, como o espartilho e o biquíni, essa primeira utilizada para delinear a silueta e que muitas vezes causou problemas de saúde pela compreensão dos órgãos



Figura 4: We Can do It! Fotografia: Arthur Becker, 2017

Para este debate foram construídos núcleos expositivos, nomeados, respectivamente: Soltando as Amarras; Bela, Recatada e do Lar; (Des)Igualdades; Nós podemos!; e Espaço Educativo. Desta forma, esta problemática não poderia ter uma condução unilateral, sendo essencial a

do abdômen, até a libertação do corpo, com a utilização do biquíni, vestuário que inicialmente resultou num grande alvoroço na sociedade, por estar ligado a sensualização do corpo feminino. Neste núcleo ainda foi apresentado o principal conceito da exposição, indicando as origens

históricas do We Can do It!. A exposição trouxe como parte da proposta expográfica uma réplica tátil do quadro (Figura 5), realizada em parceria com Ateliê Um³, propondo uma experiência sensorial inclusiva.

É muito importante criar uma relação de confiança entre o museu e o público. E essa relação de confiança é necessária para que o visitante encontre razões para voltar ao museu e tornar-se frequentador. As práticas museológicas devem contar uma história, através de artefatos, de painéis, de imagens, que construam um sentido e o coloquem dentro da história (NASCIMENTO; VENTURA, 2001, p.131).



Figura 5: Réplica tátil do quadro We Can do It!.
Fotografia: Equipe Curatorial, 2017

O segundo núcleo, nomeado Bela, Recatada e do Lar, demonstrou a invisibilidade da história das

3. O Ateliê Um é uma Associação de Artistas sem fins lucrativos que, segundo seu site "[...] viabiliza recursos e estrutura, no intuito de garantir a produção e difusão do trabalho dos associados". Maiores informações disponíveis em: <<https://www.ateliem.com/>>. Acesso em: set/2017.

mulheres nos museus de Porto Alegre. Objetos e fragmentos de peças publicitárias, desde o início do século XX até a atualidade, salientavam apenas o aspecto do cuidado estético da beleza, das festas e celebrações sociais, de mulheres brancas de classe econômica alta. Desta forma, surgiram os questionamentos: onde está a mulher que construiu e participou da construção da sociedade, da educação, das pesquisas científicas? (Figura 6). Por que a persistência da disparidade relacionada às atividades domésticas, onde a terceira jornada ainda é imposta às mulheres? Estas preposições trouxeram questões relacionadas ao poder e respeito às escolhas femininas (Figura 7), como a maternidade, uso de anticoncepcional, modificações estéticas, aborto, relacionamentos, seus desejos e sexualidade, onde a ausência do respeito reflete-se nos indicadores da violência.



Figura 6: Ação educativa Lugar de Mulher é...
Fotografia: Arthur Becker, 2017



Figura 7: Núcleo Bela, Recatada e do Lar - debate sobre Meu Corpo, Minhas Regras! - Fotografia: Arthur Becker, 2017

Os núcleos intitulados (Des)igualdades e Nós podemos! foram construídos para questionar as relações onde o desrespeito às escolhas e direitos femininos resultam em violência, a exemplo do feminicídio. Como uma medida de amparo a esta realidade surgem os Coletivos, que acolhem e auxiliam onde a sociedade e o Estado falham, praticando a sororidade⁴ na tentativa de minimizar os efeitos da violência através de campanhas e peças publicitárias (Figura 8).



Figura 8: Núcleo (Des)igualdades. Fotografia: Equipe Curatorial, 2017.

A exposição apresentou, ainda, dados estatísticos e os diferentes tipos de violência vivenciados pelas mulheres, materializados por meio de três telas da artista Graça Craidy, em meio a algumas frases machistas, que cotidianamente são ouvidas e repetidas por homens e mulheres. O núcleo Nós Podemos! proporcionou uma interação reflexiva por meio de um espelho e o plano de fundo do quadro do We Can do It!, para que o público visitante que se identificasse com o signo, pudesse vestir a camisa jeans e a bandana poá, registrando aquele momento com uma fotografia (Figuras 9 e 10).

4. Sororidade é o pacto entre as mulheres que são reconhecidas irmãs, sendo uma dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo. Fonte: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/sororidade/>> Acesso em: set. 2017.



Figuras 9 e 10:
Núcleo Nós Podemos!
Fotografias: Arthur
Becker e Equipe
Curatorial, 2017



As ações educativas foram idealizadas para estimular a reflexão, instigar questionamentos e motivar diálogos acerca do tema e seus diferentes aspectos apresentados, com a finalidade de proporcionar uma experiência museal satisfatória, uma vez que segundo Falk e Dierkng (1992) apud Studart (2005):

[...] a experiência museal é o resultado da interação de três contextos: contexto físico (espaço, arquitetura e objetos), o contexto pessoal (interesses individuais, experiências prévias, formação e educação) o contexto social (com quem o indivíduo visita ou interage no museu - escola, família, amigos, monitores, guias, etc...) (STUDART, 2005, p.56).

Outro fator observado nesta exposição foi a disponibilização de um espaço para uma roda de conversa espontânea, onde ao público visitante fosse possível emitir sua opinião, trocar ideias e debater sobre dúvidas, suas experiências em relação aos acervos, textos e indicadores exibidos ao longo do circuito expográfico. Para tanto, a arquibancada no Espaço Educativo (Figura 11) foi palco desta interatividade de forma espontânea em diferentes momentos, seja pela necessidade de mudança comportamental identificada pelo público visitante ou por aqueles que vivenciaram em suas vidas alguns dos fatos apresentados na exposição.



Figura 11:
Núcleo Espaço Educativo.
Fotografia: Equipe Curatorial, 2017

As exposições curriculares do Curso de Museologia da UFRGS são exercícios acadêmicos. Mas também são possibilidades de estimular na sociedade, debates comprometidos com a cidadania, respeito ao próximo e direito à diversidade e à igualdade. Nessa perspectiva os alunos-curadores se constituem futuros profissionais com sensibilidade de propor uma Museologia de atitude

dialógica e humanizadora. Entendemos que todos os envolvidos com uma exposição, dos idealizadores ao público, juntos, podem participar de um debate democrático sobre temas que constroem a nossa história. A exposição Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão se comprometeu com esse desafio.

REFERÊNCIAS

NASCIMENTO, Silvania Sousa; VENTURA, Paulo César Santos. **Mutações na construção dos museus de Ciências**. In: Pro-Posições, Campinas, v.12, n. 1, mar/2001, p.126-134. Disponível em: <http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/textos/34-artigosnascimentoss_etal.pdf#page=1&zoom=auto,-183,458>. Acesso em: outubro de 2016.

PROJETO DA EXPOSIÇÃO CURRICULAR NÓS PODEMOS! **A mulher da submissão à subversão**. Porto Alegre, 2016, 128p.

SANTOS, Vânia Carvalho Rôla. **Cultura, identidade e memória: uma leitura informacional dos museus históricos em ambientes comunitários**. 2005. 164f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, 2005. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VALA-6KFNJ2/mestrado___vania_carvalho_r_la_santos.pdf?sequence=1> Acesso em: outubro de 2016.

SOARES, Bruno Brulon. **A experiência museológica: conceitos para uma fenomenologia do Museu**. Revista Museologia e Patrimônio, vol.5, nº2, 2012. p.55-71.

SOUZA, Aline Escandil. **Educação & exposição: a dimensão educativa das exposições curriculares do curso de Museologia da UFRGS (2011-2015)**, 2015. 79p. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Bacharelado em Museologia, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/134694>> Acesso em: agosto de 2017.

STUDART, Denise C. **Museus e famílias: percepções e comportamentos de crianças e seus familiares em exposições para o público infantil**. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, v.12 (Suplemento), 2005. p.55-77. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v12s0/03.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

TEIXEIRA, Vanessa Barrozo; FARIA, Ana Carolina Gelmini; MACHADO, Elias Palminor. **A curadoria de exposições curriculares: uma construção coletiva**. Seminário Brasileiro de Museologia, 2, Recife, 2015. Anais do... Recife, 2015. p.89-110.

UFRGS. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Bacharelado em Museologia. **Projeto Pedagógico do Curso de Museologia**, 2015. 899p. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/fabico/documentos-graduacao-e-comgrads/projeto-pedagogico-do-curso-de-museologia>> Acesso em: agosto de 2017.